

## O VELHO E O NOVO DO ZAPATISMO\*

GUILLERMO ALMEYRA\*\*

O levantamento zapatista em Chiapas não foi um raio no céu sereno nem somente a obra de um grupo de revolucionários. Foi preparado, a nível geral nos anos anteriores pela auto organização da juventude da cidade do México para socorrer as vítimas do terremoto de 1985 ante a insensibilidade do governo neoliberal e pela grande mobilização eleitoral e social de 1988, que deu a vitória a Cuauhtemoc Cárdenas e que foi detida pelo fraude que levou ao governo o neoliberal Carlos Salinas de Gortari (o Menem mexicano) assim como pela repressão deste que custou a vida de 800 dirigentes e quadros do partido de centro esquerda cardenista: o Partido de la Revolución Democrática (PRD).

O levantamento zapatista em Chiapas foi “organizado” também por mais de 20 anos prévios, de mobilizações sociais que contaram com o apoio da diocese de San Cristóbal de las Casas, que em 1974 organizou um importante Congresso Nacional Indígena. A nível mundial essa organização também se deu devido ao derrube do mal chamado bloco socialista e pelos terríveis efeitos da mundialização dirigida pelo capital financeiro que conduziu a firma do Tratado de Libre Comercio de América Latina (TLCAN ou NAFTA) em 1994.

Muitos indígenas chiapanecos condenados a desaparecer pelo TLCAN preferiram, como declararam, morrer combatendo antes que morrer de fome ou diarreia. A imediata e sangrenta repressão do Exército foi detida por uma enorme mobilização do povo mexicano e pela protesta internacional que foi possível pelos novos meios de comunicação, como internet, que permitiram um respaldo

\* Este artigo foi publicado em espanhol pelo jornal mexicano *La Jornada* o dia 04/01/04.

\*\* Jornalista mexicano.

internacional imediato ao EZLN e fizeram impossível ao governo mexicano declarar-se democrático e simultaneamente assassinar em massa a indígenas paupérrimos.

O surgimento do EZLN que contou com apoio militante das comunidades eclesiais de base e da diocese de San Cristóbal, além da esquerda mexicana e de indígenas das 56 etnias que existem no país, opôs à legalidade governamental a legitimidade da resistência. Demonstrou além disso que era possível opor-se à política neoliberal que se apresentava como a única, e criar, utilizando o território e a democracia direta, espaços de poder local duradouros frente a forças internacionais e nacionais muito superiores (o levantamento chiapaneco já tem 10 anos).

Deu à luta pela autonomia das nações ou dos povos indígenas um impulso muito grande e uma base territorial e assim promoveu unificação sobre uma base política e social que anulou tanto o essencialismo indígena, de fundo milenarista e racista como o paternalismo indigenista assimilacionista do Estado.

Assim mesmo comprovou que o fim da consciência profunda na resistência jamais se rompeu, já que

Emiliano Zapata, que foi assassinado em 1920, não tinha influência em Chiapas, mas os movimentos sociais em todo o país se inspiravam em um zapatismo que jamais desapareceu, porque tinha feito da comunidade a protagonista da luta radical na auto organização dos dominados. Os indígenas chiapanecos tentaram reconstruir o país sobre a base de uma democracia incluyente e de uma soberania nacional e não balcanizar ao país. E

*exemplo do  
neozapatismo a  
luta pela justiça  
social, econômica e  
política e a rejeição  
aos aparelhos sejam  
estatais ou não*

ao construir seu poder frente ao Estado, com Juntas de Buen Gobierno, dão o exemplo para extensão da autonomia a todo México e não somente lutam por suas reivindicações étnicas. Daí o poder de atração de sua presença, que tem feito do zapatismo o “partido” daqueles que repelem os partidos e mais o eixo de uma política combativa antiestatal.

Aqueles que apóiam ao EZLN, em outras partes do mundo, o que encontram no exemplo do neozapatismo?

Sem dúvida não encontram a organização de um exército guerrilheiro indígena.

Os que os seguem na Itália, França, Argentina e que não são indígenas nem camponeses, senão jovens urbanos, encontram no exemplo do neozapatismo a luta pela justiça social, econômica e política e a rejeição aos aparelhos sejam estatais ou não.

Por conseguinte, não é possível “exportar” o zapatismo, como muitos antes exportavam as políticas impostas aos revolucionários russos pela necessidade de clandestinamente enfrentar a repressão zarista. Sim, é possível e necessário, tomar do zapatismo o que antes, ou simultaneamente fizeram ou fazem outros oprimidos, como auto organização, a luta por sentar as bases da autonomia e da autogestão, a independência do Estado, da Igreja ou dos partidos.

Tão pouco é possível identificar simples e plenamente o zapatismo, com a obra de alguns de seus exegetas, como Holloway, por bem intencionados que estes sejam, nem encontrar teoria em escritos que não pretendem oferecer tal coisa. Mas sim, é indispensável estudar o método dos mesmos e a ação das bases zapatistas, assim como as transformações quotidianas destes em suas relações e com sua subjetividade, porque isso é realmente o que decidirá a longo prazo.

O EZLN não é um modelo senão um estímulo para que os oprimidos de outros países encontrem sua própria organização democrática e autogestiva.

